

ORLANDO CALIMAN



Mas o que é mesmo essa economia que estamos chamando de criativa? Podemos vê-la em tudo que agrega valor, algo que passa pela forma dinheiro

Economia criativa

A criatividade vem ganhando espaço no mundo da produção de riquezas. Cada vez mais, nos processos de agregação de valor aos produtos e serviços, vamos nos deparar com contribuição de atributos como talento, habilidades artísticas e culturais, e tudo o mais que diz respeito à produção e aplicações do conhecimento nas suas mais deferentes formas. Todos esses atributos são considerados elementos centrais do que podemos chamar de produção criativa ou economia criativa. Há quem prefira chamar essa parte da economia de indústria criativa. Prefiro a denominação mais ampla de economia criativa.

Retrocedendo na história da humanidade, vamos constatar que criatividade não é nada novo. Sempre existiu, mas em abrangência e intensidade que se alternavam de tempos em tempos. Assim como tivemos abundância de criatividade em campos como produção artística e cultural, na literatura, na filosofia e nas ciências em geral na período da renascença ou renascimento, entre os séculos XIV e XVII, o contrário aconteceu na Idade Média, período reconhecidamente de pouco ou nenhum

dinamismo. A criatividade também floresceu a pleno vapor no século XIX, com avanços científicos que mudaram o mundo e forjaram as bases da economia moderna.

Mas o que é mesmo essa economia que estamos chamando de criativa? Podemos vê-la em tudo que agrega valor, portanto, algo que passa necessariamente pela forma dinheiro, que é a expressão mais geral da riqueza produzida, por meio da utilização de certas habilidades mais individualizadas, conhecimentos científicos e novas tecnologias. Daí a associação, por exemplo, à produção cultural e artística, que podemos denominar de economia da cultura; mas também à moda, desenho – design –, publicidade, artes visuais – televisão –, artes cênicas, produção de software e de games, arquitetura e várias outras atividades.

O desenvolvimento dessa nova economia – economia criativa – está sendo alimentado e potencializado principalmente pelos avanços que estão acontecendo na informática (tecnologias da informação) e na internet (tecnologias de comunicação). São avanços importantes que oferecem um amplo leque de oportunidades às pessoas de talento para que elas possam mostrá-lo, além de interagir e ao mesmo tempo produzir riqueza. E mais, em muitos casos elas

também podem ajudar na solução de problemas nas comunidades onde vivem.

No Brasil, esse lado criativo da economia já desperta as atenções de investidores, de instituições públicas, de governos e também de organizações sociais. Em alguns casos, tem ensejado inclusive a formulação de políticas de incentivo e de democratização no acesso das pessoas, sobretudo, jovens, a esse novo mundo do conhecimento e de novas tecnologias. Podemos incluir, nesse caso, a facilitação do acesso à internet, e a implantação de parques e institutos tecnológicos, espaços culturais etc.

A participação relativa da economia criativa pode ser considerada ainda pequena no Brasil, comparativamente aos países mais desenvolvidos. Num trabalho desenvolvido pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), sob o título “Cadeia da indústria criativa no Brasil”, no ano de 2008, chegou-se a um resultado que indicava que cerca de 1,8% do total de trabalhadores formais no país eram diretamente ligados ao seu núcleo central. No Rio de Janeiro, especificamente, esse percentual alcançou 2,4%, o maior percentual entre os Estados. O referido estudo tomou como base dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais), do Ministério do Tra-

balho e Emprego, registrados por 41 classes de atividades do CNAE – Código Nacional de Atividades Econômicas, incluindo-se desde a fabricação de instrumentos musicais à atividade de organizações associativas ligadas a cultura e arte.

No entanto, levando-se em consideração as diversas cadeias produtivas que são normalmente acionadas por esse núcleo criativo central, as estimativas do estudo chegam a um resultado bem mais significativo: cerca de 21% do total de vínculos formais de emprego, dado que evidencia o grande potencial de geração de impactos a jusante e montante, ou seja, para a frente e para trás do núcleo central.

No Espírito Santo, aplicando a mesma metodologia da Firjan para o ano de 2012, cheguei a aproximadamente 18 mil empregos formais vinculados às atividades classificáveis como criativas. Desse total, 77% foram relativas à Grande Vitória. O município de Vitória, por exemplo, aparece com destaque, respondendo por 61%, cerca de 11 mil. Já no total de empregos formais no Estado, a participação desse conjunto de atividades representou apenas 2%.

Acredito, pelos números atuais, que temos um potencial significativo para fazer crescer esse lado criativo da economia capixaba.